



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

O AVANÇO DO CAPITALISMO NO CAMPO E SEUS IMPACTOS DESIGUAIS: O CASO DE IRATI (PR) E CAMPINHOS E SIMÃO (BA)

José Carlos do Amaral Junior
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: jcamaral1987@gmail.com

Marisa Oliveira Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: momarisa@gmail.com

Ana Elizabeth Santos Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: ana_alves183@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a Questão Agrária sempre foi presente no cenário de debate brasileiro, sendo datada desde a presença de Dom Pedro II no século XIX. Da Reforma Agrária à sua necessidade para o desenvolvimento nacional, esse debate sempre esteve orientado em torno de um dilema principal: o avanço do capitalismo no campo, suas benesses e consequências mais perversas.

Interessa-nos em especial a discussão sobre o avanço do capitalismo no campo e como esse processo se deu de forma diferenciada nas distintas regiões do país. Dessa maneira, este trabalho busca refletir sobre essas questões por meio de evidências empíricas em duas realidades distintas: (i) como esse processo parece ter ocorrido historicamente na microrregião de Vitória da Conquista, BA, em especial referindo-se às comunidades de Campinhos e Simão; e (ii) como esse processo parece ter se desenvolvido historicamente em um recorte da região Centro-Sul do Paraná, em especial no município de Irati. Essa reflexão faz parte do projeto de pesquisa “Trabalho-educação em comunidades tradicionais rurais: saberes escolares e não escolares nos processos de produção da vida social”, desenvolvido pelo grupo de estudos História, Trabalho e Educação do Museu Pedagógico, cujo um dos objetivos é estudar quais fundamentos históricos reproduziram as desigualdades sociais, econômicas, políticas e educacionais de povos de comunidades tradicionais rurais.



MÉTODO

O trabalho foi desenvolvido segundo o método materialista histórico-dialético. Seu pressuposto central reside na categoria da totalidade e na compreensão de como características singulares se relacionam com fenômenos sociais e históricos mais específicos. Nesse sentido, os recortes locais assumidos refletem esse objetivo, por meio de uma análise localizada do município de Irati-PR e das comunidades de Campinhos e Simão, de Vitória da Conquista-BA.

Irati é um município localizado na região centro-sul do estado do Paraná, com população estimada de 60.357 habitantes e área de 995,289 km² (IPARDES, 2019). Ainda segundo essa fonte, o município conta atualmente com 2.394 estabelecimentos agropecuários, sendo a maioria (2.053) desses proprietários, e tendo a produção agrícola principal orientada para a soja (26.000 ha plantados), feijão (21.000 ha plantados), milho (12.200 ha plantados) e fumo (4.425 ha plantados).

Considerada como metrópole regional, terceira maior cidade do Estado da Bahia, Vitória da Conquista, fundada desde 1840, possui uma extensão territorial de 3.204,257 km², com população 338.885 habitantes, conforme Censo IBGE (2018). Campinhos e Simão estão localizadas na microrregião de Vitória da Conquista, BA.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Oliveira (2013), o final dos anos 1980 revela a mundialização do capital na agricultura, fazendo-o avançar sobremaneira nos setores de produção de alimento. Ainda segundo esse autor, o capital não se expandiu no campo brasileiro utilizando-se unicamente do trabalho assalariado, mas valendo-se também de outras formas de trabalho para que fosse possível gerar novas formas de capital. Assim, o capitalismo se desenvolveu no campo brasileiro seguindo, conforme apresenta Oliveira (2013), duas linhas principais: (1) o latifúndio permeado de formas camponesas - que se transforma com maior lentidão em empresa capitalista; e (2) a pequena exploração de caráter camponês-familiar independente.

Para compreendermos também a realidade observada, é preciso entender que na década de 1980 três tendências gerais marcaram o desenvolvimento do capitalismo no campo (SILVA, 2013a): a integração dos capitais nos complexos agroindustriais, a redução do papel da pequena produção e a redução da sazonalidade do trabalho



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

temporário. Essas mudanças impulsionaram, naquelas regiões em que o capitalismo estava mais presente já na década de 1980 no Brasil, um novo padrão que envolveu a complexificação da modernização da agricultura. Conforme aponta Muller (2013), foi o que ocorreu no estado de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Paraná: uma sobrevivência do produtor agrícola ancorada principalmente no crédito, na incorporação das técnicas disponíveis, no gerenciamento e na capacidade de comercialização.

Considerando o que apresenta Silva (2013b), no Sul do país há uma prevalência dos minifundistas, em contraposição à maioria de pequenos rendeiros prevalente no Nordeste. Isso explica, por exemplo, porque o capitalismo pareceu avançar sobremaneira nas propriedades observadas no estado do Paraná, sobretudo nas que dizem respeito ao recorte desse trabalho. Esse avanço, vale ressaltar, impulsiona a diminuição do número de estabelecimentos agrícolas, estimulado pela aquisição de novas terras e expansão das propriedades; acelera o processo de adesão tecnológica dos produtores capazes de acessar crédito para tal e, conseqüentemente, aumentam o exército de reserva no campo e o número de sujeitos que passam a viver em situação de pobreza. Esses problemas passam a integrar, a partir daí, a agenda do Governo estadual, impulsionando políticas como aquelas materializadas pelo Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do estado do Paraná (EMATER-PR) que, paradoxalmente, se ocupa de forma dúbia do problema: ao mesmo tempo em que passa a ser um agente do desenvolvimento capitalista no campo, difundindo técnicas e tecnologias aos produtores para incorporá-los ao processo capitalista de produção agrícola; também, tem como objetivo combater e diminuir as expressões da pobreza no campo - gerada exatamente pelo movimento descrito anteriormente. Um outro elemento bastante presente na realidade do município de Irati-PR é que formas mais tradicionais de organização da produção e relação comunitária e com a terra passam a ser descaracterizadas e diretamente suprimidas por esse avanço do capitalismo no campo, principalmente aquele baseado na monocultura. É o que acontece com as regiões de faxinais, por exemplo, que conforme demonstra Schorner (2010), acabam sofrendo as agressões de uma suposta racionalidade econômica que não considera outras formas de relações entre as pessoas, e destas com a terra e a produção.

Em Campinhos e Simão, interior da Bahia, observa-se outra realidade. São comunidades rurais, que por muito tempo se destacaram na microrregião de Vitória da



Conquista, BA, com a lavoura e a produção da farinha e dos derivados da mandioca, com destaque para as casas de farinha, espaços destinados ao beneficiamento da mandioca e produção dos seus subprodutos. A comunidade no que tange a questão fundiária é constituída de pequenas propriedades, muitas vezes de pequenos sítiantes, terras essas que são compartilhadas entre membros da mesma família, cessão feita de pais para filhos, como reforça Abramovay (1998), unidade entre o negócio e a família, na pretensão de dar início a questão sucessória do empreendimento familiar, ainda que esse negócio seja a terra.

No tempo da pujança da produção da farinha (por volta do início da década de 1990), já se chegou a catalogar mais de 100 casas em funcionamento, em 2006 foram registradas 25 (SANTOS, 2007) e atualmente, contam com apenas 06, com risco eminente de fechamento por escassez da mão de obra e das mudanças verificadas nas relações sociais de trabalho e produção. A introdução de subprodutos industrializados como matéria prima, por exemplo, marca mudanças na forma de produção dessas comunidades - como é o caso da fécula de mandioca. A proletarização aparece como outro mecanismo de mudança importante: o trabalho familiar não é mais a base da força de trabalho empregada, inserindo-se o assalariamento ou empreitada de terceiros. Há ainda a marca do êxodo dos jovens, bem como avanço do mercado imobiliário que mudam as relações previamente estabelecidas entre os moradores e a terra. De forma resumida, há um movimento de expropriação generalizado, tanto marginalizando o processo produtivo, quanto mudando as relações com a terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho, ainda em andamento, aponta para a existência de duas realidades bastante singulares inseridas no contexto do avanço do capitalismo no campo. Em Irati-PR, percebe-se um avanço objetivado nas formas mais industrializadas do capital, com investimentos expressivos do Estado para que os pequenos proprietários transformem-se em pequenas empresas capitalistas. Esse avanço se dá pela difusão dos *commodities* que, conseqüentemente, geram outros impactos, como a supressão da agricultura de subsistência e relações conflituosas com formas tradicionais de organização comunitária/produtiva. Em Campinhos e Simão, na Bahia, o que se observa é um avanço mais lento do capitalismo e sob outros formatos: percebe-se que aqui o capital



atua mais no sentido de expropriar o pequeno produtor da sua autonomia produtiva, direcionando-o à formação de um exército de reserva para o trabalho assalariado e impedindo-o de adquirir novas terras ou permanecer sobrevivendo da atividade agrícola no campo. Na região, o Estado atua de forma dúbia e contraditória junto aos agricultores familiares e residentes no campo, não havendo um interesse explícito em incorporá-los enquanto produtores ou empresa capitalista. Os resultados, embora parciais, demonstram a importância de se entender como o capitalismo avança sobre o campo de formas diversas, e quais são os efeitos igualmente diferenciados que emergem desses formatos específicos de expansão.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo; Campo; Trabalho.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo (Coord.). **Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 12ª edição. São Paulo: EDUSP, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **CENSO 2018**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br.htm>>. Acesso em: 17 de abril 2019.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Cadernos Municipais - Irati**. Abril de 2019.

MULLER, Geraldo. **São Paulo - o núcleo do Padrão Agrário Moderno**. In:

STEDILLE, J. P. (org). **A Questão Agrária no Brasil: o debate na década de 1990**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **O campo brasileiro no final dos anos 1980**. In: STEDILLE, João P. (org). **A Questão Agrária no Brasil: o debate na década de 1990**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, Marisa O. **Sistema de produção em Casas de farinha: Uma leitura descritiva na comunidade de Campinhos – Vitória da Conquista (BA)**. (Dissertação Mestrado) Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007.

SCHORNER, A. **Os Faxinais na Região de Irati (PR): relações peculiares entre território, cultura e meio ambiente**. In: Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, setembro de 2010.

SILVA, José G. da. **O desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro e a**



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

Reforma Agrária. In: STEDILLE, J. P. (org). A Questão Agrária no Brasil: o debate na década de 1990. São Paulo: Expressão Popular, 2013a.

. Viabilidade de uma Reforma Agrária em São Paulo. In: STEDILLE, J. P. (org). A Questão Agrária no Brasil: o debate na década de 1990. São Paulo: Expressão Popular, 2013b.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO